

A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da Coordenação de Letramento Internacional de uma Universidade Federal

The relationship between foreign languages and the process of internationalization: evidence from the International Literacy Coordination of a Federal University

Kyria Finardi¹

Jane Santos²

Felipe Guimarães³

Submetido em 2 de fevereiro e aprovado em 29 de abril de 2016.

Resumo: O trabalho discute o papel e a relação entre globalização e línguas estrangeiras no processo de internacionalização do ensino superior. Com esse fim, o artigo revisa estudos sobre o papel das línguas estrangeiras em geral, e do inglês em particular, no processo de internacionalização do ensino superior. A fim de subsidiar a discussão proposta no artigo, um estudo de caso foi realizado e descreve a criação de uma Coordenação de Letramento Internacional dentro da estrutura da Secretaria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Espírito Santo. A coordenação descrita tem como objetivo apoiar as ações de internacionalização que perpassam o uso, ensino e aprendizado de línguas nessa instituição. Os resultados do estudo de caso sugerem que a criação de uma coordenação de línguas dentro da estrutura da Secretaria de Relações Internacionais da instituição investigada foi positiva para o desenvolvimento das línguas estrangeiras e do processo de internacionalização nessa instituição.

Palavras-chave: Internacionalização. Línguas estrangeiras. Secretaria de Relações Internacionais.

Abstract: The paper discusses the role of and relationship between globalization and foreign languages in the process of internationalization of

higher education. To this end the article reviews studies on the role of foreign languages in general and of English in particular, in the internationalization of higher education. In order to support the discussion proposed in the article, a case study was conducted and describes the creation of a language coordination within the framework of the office of international relations of the Federal University of Espírito Santo. The coordination described aims to support the internationalization of the institution through the support for actions that permeate the use, teaching and learning of languages in that institution. The results of the case study suggest that the creation of a language coordination within the framework of the office of international relations of the institution investigated was positive for the development of foreign languages and the internationalization process in that institution.

Keywords: Internationalization. Foreign Languages. Office of International Relations.

Introdução

A globalização, definida como as relações globais baseadas nas operações de mercados livres, é frequentemente vista como um sinônimo da internacionalização do ensino superior, definida como a estratégia pela qual as universidades respondem à globalização, integrando uma dimensão intercultural na sua tríplice missão de ensino, pesquisa e extensão (JENKINS, 2013). Com efeitos positivos e negativos (por exemplo BLOMMAERT, 2010; BOURDIEU; THOMPSON, 1991), a globalização tem alterado fronteiras e fluxos informacionais e migracionais (por exemplo ORTIZ; FINARDI, 2015).

A internacionalização do ensino superior (por exemplo SHIN; TEICHLER, 2014; KNIGHT, 2008) e a alta mobilidade acadêmica com sua diversidade cultural e linguística, afetam e são afetadas pela globalização e pelo uso do inglês como língua franca acadêmica (ILFA)

(JENKINS, 2013). Pesquisadores da área de inglês como língua franca⁴ (ILF), argumentam que as pesquisas sobre globalização deveriam levar em consideração o fenômeno do ILF, uma vez que o ILF é, ao mesmo tempo, a consequência e a principal língua por meio da qual os processos de globalização se desenrolam (JENKINS; COGO; DEWEY, 2011, p. 303, *apud* JENKINS, 2013, p. 8).

Segundo Vavrus e Pekol (2015), a internacionalização do ensino superior coincide com políticas neoliberais e com o declínio de financiamento decorrentes delas nesse setor e que forçaram as universidades a reverem sua gestão, fazendo com que muitas delas se voltassem para o mercado internacional, a fim de atrair mensalidades de alunos estrangeiros como forma de garantir seu financiamento. Jenkins (2013), em seu livro sobre o papel do inglês como língua franca no cenário de ensino superior internacional, cita a classificação de Foskett (2010) das universidades internacionais como pertencendo a cinco grupos, quais sejam: 1) universidades domésticas – cujo foco está no seu próprio contexto local; 2) universidades imperialistas – que têm uma forte atuação internacional de recrutamento para atrair os estudantes estrangeiros, mas fazem relativamente pouco para mudar sua organização, instalações e serviços em casa; 3) universidades internacionalmente conscientes – que estão mudando a sua organização e cultura para ter um perfil internacional mas ainda não estão plenamente comprometidas com o exterior; 4) universidades engajadas internacionalmente – que estão impulsionando uma agenda de internacionalização em casa, que normalmente inclui avaliação curricular para oferecer programas de ensino globais incentivando sua equipe a buscar parcerias de pesquisa e de ensino no exterior; 5) universidades

focadas internacionalmente – a minoria delas. O nível de progresso e de internacionalização é forte em muitas dimensões, e a mudança cultural dentro da universidade é de cunho estrutural.

As universidades no mundo todo estão passando por um processo de reestruturação para se acomodarem a essa nova realidade imposta pela globalização/internacionalização, sendo que cada contexto e cada universidade experimentam um processo singular e estão mais ou menos próximos dessas categorias de universidades. Segundo Vavrus e Pekol (2015), apesar de cada universidade se adaptar ao contexto mundial e à internacionalização de forma particular, há um padrão onde países no hemisfério norte se beneficiam mais da globalização e da internacionalização do que países no hemisfério sul.

De acordo com a Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE) (2010. p. 314 citada em JENKINS, 2013, p. 4), em 2008, cinco países (EUA 18,7%, Reino Unido 10%, Austrália 6,9%, França 7,3% e Alemanha 7,3%) foram responsáveis por receber mais da metade dos estudantes estrangeiros no ensino superior, enquanto os países anglófonos (EUA, Reino Unido, Austrália, Canadá e Nova Zelândia) em conjunto representaram pouco menos da metade 43%.

Da mesma forma, esses dois processos (globalização e internacionalização) parecem beneficiar mais países anglófonos, ainda que segundo Jenkins (2013, p. 17), as universidades de países anglófonos correm risco de perder estudantes internacionais para países não anglófonos, se estes forem, ou se tornarem, mais internacionais em sua orientação para uso do inglês como língua acadêmica do que as universidades em países anglófonos. Finardi (artigo submetido), em um

estudo sobre a internacionalização da Universidade de Genebra (que é e tem uma forte tradição francófona), concluiu que a simples orientação internacional para o uso do inglês como língua franca acadêmica não é suficiente para garantir a presença de alunos estrangeiros, sendo que uma forte política de multilinguismo se faz também necessária para garantir uma internacionalização plena.

Hamel (2013) aborda também a questão do viés tendencioso para o inglês no processo de internacionalização, demonstrado em seu estudo da produção acadêmica internacional da *Arts & Humanities Citation Index* em 2006. Esse estudo mostra que há um viés no sentido de publicar artigos oriundos de países anglófonos, como é possível observar na Tabela 1 onde se pode constatar que a Escócia aparece com 792 entradas e se classifica à frente da Alemanha com apenas 590 entradas e o País de Gales, que conta com apenas duas universidades reconhecidas, se classifica logo após a França!

Tabela 1: Distribuição de 62.513 publicações em inglês *Arts & Humanities Index* 2006 por país

Posição	País	Número de produções	Posição	País	Número de produções
1	EUA	18.617	8	França	356
2	Inglaterra	5.776	9	País de Gales	335
3	Canadá	1.788	10	Itália	322
4	Austrália	970	11	Israel	276
5	Escócia	792	12	Nova Zelândia	251
6	Alemanha	590	13	Irlanda	209
7	Holanda	408	14	Espanha	191

Fonte: Adaptado de Hamel (2013).

Esse viés permanece inclusive quando o idioma não é o inglês, como é o caso da produção em espanhol da mesma revista e no mesmo período, como pode ser observado na Tabela 2, adaptada do mesmo estudo, e onde se pode verificar que países anglófonos como os Estados Unidos continuam na frente de países hispanofalantes, como é o caso da Espanha, do Chile e do México!

Tabela 2: Distribuição de 1.384 produções em espanhol *Arts & Humanities Index* 2006 por país

Posição	País	Número de produções	Posição	País	Número de produções
1	EUA	245	6	França	22
2	Espanha	205	7	Canadá	7
3	Chile	45	8	Inglaterra	6
4	Argentina	28	9	Itália	6
5	México	27	10	Peru	5

Fonte: Adaptado de Hamel (2013).

Nesse cenário de globalização e internacionalização, o multilinguismo e o ensino de línguas adicionais⁵ (L2) em geral, e do inglês em particular, tem um papel importantíssimo na: 1) manutenção da coesão nacional e da paz internacional (por exemplo FINARDI; CSILLAGH, 2016; FINARDI, artigo submetido), 2) no acesso à informação (por exemplo FINARDI; PREBIANCA; MOMM, 2013; FINARDI; TYLER, 2015), 3) na inclusão social dessa diversidade (por exemplo ORTIZ; FINARDI, 2015; FINARDI; ARCHANJO, 2015), 4) no combate à comodificação da educação (PORCINO; FINARDI, 2014), 5) na construção de uma cidadania e de uma pedagogia crítica (MONTE MÓR; MORGAN, 2014)

e 6) na circulação da produção acadêmica e internacionalização do ensino superior (AMORIM; FINARDI, artigo submetido; FINARDI; ORTIZ, 2015; FINARDI; FRANÇA, no prelo).

A melhora no índice de proficiência em L2 no Brasil enfrenta vários desafios dentre os quais podemos citar: 1) o papel das L2 nas políticas linguísticas e educacionais (por exemplo FINARDI; PREBIANCA, 2014; FINARDI; PREBIANCA, no prelo; PINHEIRO; FINARDI, 2014; PORCINO; FINARDI, 2014); 2) o investimento na educação inicial e continuada de professores de L2 (por exemplo, FINARDI; PREBIANCA, 2014; TILIO, 2014); e 3) a visão do papel das L2 no desenvolvimento social como um todo e na internacionalização do ensino superior em particular (por exemplo AMORIM; FINARDI, artigo submetido; FINARDI; FRANÇA, no prelo).

Outro exemplo da importância das línguas adicionais para a internacionalização e para o acesso à informação e à educação pode ser visto em Finardi e Tyler (2015) que analisaram o papel do inglês nos cursos *online* abertos e dirigidos a um público amplo (*Massive Online Open Courses* – MOOC na abreviação em inglês) oferecidos com o objetivo de socializar e educar. A análise do estudo mostrou mais de 2.800 MOOC, sendo que 2.326 deles (83%) estavam em inglês. A liderança das universidades que oferecem MOOC em inglês, também pode ser encontrada no *ranking* das 20 melhores universidades do mundo fornecido anualmente pelo Instituto Universitário Jiao Tong de Xangai e relatado em Graddol (2006). Esse *ranking* mostra que cerca de dois terços das 100 melhores universidades do mundo estão localizadas em países anglófonos, enquanto o resto está localizado em países não anglófonos

mas que adotaram o inglês como língua de instrução⁶. De fato, vários são os autores que mostram a “coincidência” entre língua e *ranking*, onde universidades em países anglófonos ou que adotaram o inglês como língua de instrução em geral se classificam acima de outras universidades que não adotaram o inglês como língua de instrução e não se encontram em países anglófonos (por exemplo, GRADDOL, 2006; VAVRUS; PEKOL, 2015; FINARDI, artigo submetido). Essa coincidência e sua exceção motivou, inclusive, um estudo de pós-doutorado (FINARDI, artigo submetido) para entender como a Universidade de Genebra, que não se encontra em um país anglófono nem adotou o inglês como língua de instrução, consegue se colocar entre as 60 melhores universidades do mundo e entre as três melhores universidades francófonas. Resultados preliminares dessa investigação sugerem que ainda que a Universidade de Genebra não adote abertamente uma política em favor do inglês como língua de instrução, seu corpo discente e docente são proficientes nesse idioma, bem como em outros, estimulando o multilinguismo (FINARDI; CSILLAGH, 2016; FINARDI, artigo submetido) e a internacionalização. Outra explicação para estes resultados pode ser dada por Levy, Tremblay e Girard (2012) que, em um estudo sobre o compartilhamento de conhecimento entre universidades e coletividades no Brasil e no Canadá, concluíram que os serviços de extensão (dos quais o ensino de idiomas é parte integrante), são fontes de inovação social, empoderamento do cidadão e democratização do conhecimento.

Ainda sobre o papel do inglês especificamente, Finardi e Tyler (2015), seguindo Finardi, Prebianca e Momm (2013), sugerem que algum conhecimento de inglês e algum letramento digital são necessários para

acessar informação *online* a fim de participar ativamente no mundo globalizado. Prova disso é que a oferta de MOOC em inglês é muito maior do que em outras línguas, como anteriormente mencionado. Se for considerado o número de falantes nativos, as seis línguas mais faladas no mundo são mandarim, espanhol, inglês, hindi, árabe e português, nessa ordem. Se, por outro lado, for considerado o número total de falantes das línguas mais faladas no mundo teríamos mandarim, seguido do inglês, do espanhol, do hindi, do russo, do árabe e do português na sétima posição, duas posições à frente do francês, que, por sua vez, estaria duas posições à frente do alemão. Considerando o número de falantes de línguas estrangeiras, provavelmente, a ordem das línguas mais faladas seria: inglês, espanhol, francês e português antes dos outros idiomas mencionados aqui. Independentemente da posição das línguas adicionais no cenário mundial, é evidente que, embora o papel das línguas esteja começando a se expandir na produção de conteúdos *online*, o inglês ainda é responsável pela maior parte, o que não justifica, entretanto, ele ser responsável pela maior parte da oferta de MOOC. No entanto, esse é o cenário encontrado considerando-se a quantidade de conteúdos educacionais disponíveis em inglês e em outras línguas. Apesar de algumas exceções, como o portal brasileiro Veduca⁷ e o portal ibero-americano Miríade⁸, criado em parceria com universidades de língua espanhola e portuguesa, e do número de MOOC oferecidos pela plataforma *Coursera* com legendas em espanhol e português, a maior parte dos MOOC são oferecidos em inglês.

Outro estudo que mostra a importância do inglês para a internacionalização, apresentado por Finardi e França (no prelo), analisou a produção e circulação da produção nacional da área de Letras em inglês

e em português. Apesar de o Brasil ser o país com a 13^a maior produção acadêmica no mundo, essa produção raramente tem impacto internacional já que é produzida em português e circula principalmente internamente e em países que falam português. Uma consequência disso, consideradas as ressalvas e o contexto do hemisfério sul já apontadas por Hamel (2013) e Vavrus e Pekol (2015), é que nossa produção acadêmica, apesar de robusta, não é computada e circulada internacionalmente.

Os estudos apresentados por Finardi e Ortiz (2015), e Amorim e Finardi (artigo submetido), cujos dados foram coletados na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), corroboraram a hipótese levantada anteriormente de que um dos maiores obstáculos à internacionalização dessa instituição é a falta de proficiência em línguas estrangeiras em geral e no inglês em particular. A fim de melhorar os índices de internacionalização que se relacionam com o papel das L2 na UFES, a Secretaria de Relações Internacionais se reorganizou, criando quatro coordenações sendo que uma delas foi dedicada às L2. A criação dessa coordenação teve um impacto significativo no processo de internacionalização dessa instituição e, em razão disso, no que segue, este artigo descreverá essa ação da Secretaria de Relações Internacionais da UFES.

Contexto

A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), criada em 1954, conta hoje com quatro *campi* e oferece atividades acadêmicas e de pesquisa em todas as áreas do conhecimento por meio de 99 cursos de graduação e 74 cursos de pós-graduação (52 mestrados e 22 doutorados). A universidade tem um Centro de Línguas que oferece cursos de português para estrangeiros,

bem como cursos de inglês, espanhol, mandarim, francês, alemão e italiano. A UFES possui uma Secretaria de Relações Internacionais (SRI), criada em 2012 com os objetivos de: induzir e consolidar o processo de internacionalização, como uma estratégia para o crescimento institucional e a melhoria das atividades acadêmicas; aconselhar todas as unidades acadêmicas relativas à implementação da cooperação internacional; selecionar, preparar e divulgar informações sobre os programas e iniciativas de cooperação internacional; divulgar oportunidades de mobilidade para a comunidade acadêmica; apoiar professores, pesquisadores e alunos de instituições estrangeiras para desenvolver atividades na ou com a universidade; incentivar a implementação de acordos para atividades de pesquisa em colaboração com instituições estrangeiras; manter contato com o Ministério das Relações Exteriores, bem como com as embaixadas, consulados internacionais, organizações e instituições e a promoção de ações cujo objetivo é dar mais visibilidade internacional a nível mundial para a universidade.

Os estudantes de países da África, América Latina e Caribe que mantêm acordos de cooperação com o Brasil podem participar do Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G), que é um programa de cooperação entre o Brasil e os países da África, América Latina e do Caribe e cujo objetivo é dar a jovens estudantes desses países a oportunidade de realizar seus estudos de graduação completos em universidades brasileiras. A UFES recebe também estudantes de graduação da França e Holanda por meio dos Programas BRAFITEC e BRANETEC nas áreas das Engenharias e de outros países onde há acordos de cooperação firmados entre a UFES e universidades estrangeiras.

Em termos de mobilidade de pós-graduação, a UFES participa do programa PAEC-OEA, lançado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pelo Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). O objetivo do programa é aumentar a mobilidade acadêmica e o desenvolvimento regional das Américas e, em sua primeira edição, 53 alunos tiveram a oportunidade de ganhar um diploma de mestre no Brasil. A UFES ofertou quatro vagas em 2013, 12 vagas em 2014, 24 vagas em 2015 e 44 vagas para início em 2016, nos cursos de mestrado e doutorado.

A partir de 2010, a UFES passou a ofertar também as licenciaturas duplas em Letras Português-Espanhol, Letras Português-Francês e Letras Português-Italiano além de ofertar a licenciatura plena em Letras-Inglês. Todos esses cursos são oferecidos na modalidade presencial.

A UFES participa do Programa Ciência sem Fronteiras (767 homologações de inscrições de alunos entre 2011 e 2014 e 250 em 2015), dos Programas Inglês sem Fronteiras, desde agosto de 2013, e do Programa Idiomas sem Fronteiras desde sua instauração em 2014.

Secretaria de Relações Internacionais da UFES

Conforme mencionado, a missão da SRI é promover e gerir a internacionalização da UFES como um agente de consolidação da cultura de internacionalização nessa instituição por meio de valores como: o comprometimento com o desenvolvimento institucional; respeito ao próximo; transparência das informações; compromisso com a pluralidade e a diversidade étnica e cultural; responsabilidade social; cooperação interna e com os parceiros externos à universidade.

Segundo um levantamento interno realizado em 2015, algumas

oportunidades da SRI no ambiente externo são: visibilidade do país no exterior; abertura das unidades da UFES para internacionalização; existência de excelentes grupos de pesquisas que permitem a apresentação da UFES como instituição de excelência; interesse pelo estrangeiro; aumento da consciência sobre oportunidades no exterior; existência de parcerias informais entre pesquisadores da UFES e estrangeiros; existência de professores estrangeiros no *campus*; existência de alunos que foram ao exterior e voltaram à UFES para compartilhar experiência; expansão da participação em eventos, editais internacionais; visibilidade da universidade no país e no exterior; necessidade de formação de um “cidadão global”; oferta de cursos bem-avaliados com consequente atração de alunos/pesquisadores; oportunidades de financiamento, ofertadas por agências estrangeiras, e a troca de experiência com agentes externos.

Em relação às dificuldades no ambiente externo, foram identificados os seguintes pontos: a falta de formalização de orçamento para a SRI; a resistência por parte de alguns setores; a ausência de sistema de gestão de informações; a falta de resoluções para processos de internacionalização (que incluam o aspecto internacional); a falta de acompanhamento dos parceiros externos no envio de alunos à UFES; a oferta de “cursos” por agentes internos, para ações já financiadas pelo governo; a falta de reconhecimento/engajamento/apoio às atividades de internacionalização por parte de alguns setores da instituição; dificuldades de oferta de cursos em idioma estrangeiro nos cursos de graduação e pós-graduação; a ausência de interlocutor para internacionalização nos Centros de Ensino; a resistência de alguns países para apoio financeiro para ensino de idiomas estrangeiros; as dificuldades para aquisição de recursos e solicitação de

serviços e a deficiência no suporte de T.I. e de recursos específicos para a recepção de visitantes.

No ambiente interno foram detectadas as seguintes potencialidades: o crescimento físico (espaço); a existência de instrumentos de divulgação da SRI; a boa formação da equipe de funcionários; o envolvimento de professores na SRI; a busca de referências e comparações internacionais; o aprimoramento e a especialização da equipe e a oferta de cursos/testes para ampliar a identidade internacional da UFES.

Finalmente, no ambiente interno foram detectados os seguintes desafios: a equipe ainda é pequena; o espaço físico é limitado; há falta de procedimentos operacionais para as atividades e processos de rotina; há pouca comunicação com outros *campi*; há falta de um sistema de gestão de informação sobre alunos em mobilidade; a restituição de recursos para atividades de internacionalização; o pouco conhecimento sobre algumas oportunidades ofertadas pela SRI e a necessidade de maior alcance/visibilidade das ações da SRI.

Proposta de criação da Coordenação de Línguas

Tendo em vista os potenciais e desafios da SRI para a internacionalização e o papel dos idiomas estrangeiros nesse processo, em 2014 a estrutura da SRI foi repensada e dividida em quatro coordenações, a saber: Coordenação de Mobilidade para o Exterior, Coordenação de Mobilidade para a UFES, Coordenação de Acordos e Cooperação e Coordenação de Línguas. A estrutura organizacional da SRI da UFES pode ser vista no Gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Organograma da Secretaria de Relações Internacionais da UFES



Fonte: Secretaria de Relações Internacionais da UFES.

Cada coordenação é responsável por uma área, a saber: (i) a Coordenação de Mobilidade para o Exterior é responsável pelas atividades de mobilidade acadêmica do tipo *OUT*, (ii) a Coordenação de Mobilidade para a UFES é responsável pela mobilidade do tipo *IN*, (iii) a Coordenação de Acordos e Cooperação é responsável pela prospecção e coordenação dos acordos e cooperações internacionais e (iv) a Coordenação de Línguas é responsável pelas ações de internacionalização relacionadas aos idiomas estrangeiros, inclusive do português como língua estrangeira.

A Coordenação de Línguas da Secretaria de Relações Internacionais da UFES foi formalmente criada em 2014 com o objetivo de apoiar a internacionalização dessa universidade por meio de todas as atividades de internacionalização que perpassam o uso de línguas adicionais.

Os objetivos específicos dessa coordenação são: 1) desenvolver as habilidades orais e escritas de compreensão e de produção em línguas adicionais da comunidade acadêmica da UFES por meio da inserção de disciplinas e cursos de inglês instrumental na grade curricular da graduação; 2) preparar os docentes dos programas de pós-graduação de excelência da UFES para ofertar cursos no formato MOOC tanto em português com legenda em inglês e em inglês, visando à projeção da UFES no cenário transnacional da educação à distância – em que estão as maiores universidades do mundo, bem como à capacitação da comunidade docente para desempenhar suas atividades acadêmicas em instituições estrangeiras de nível superior assim como na UFES, em seu contato com acadêmicos estrangeiros; 3) apoiar a condução de projetos de pesquisa que contribuam para a produção científica no âmbito (inter)institucional e internacional; 4) desenvolver habilidades comunicativas e acadêmicas em línguas adicionais a fim de capacitar acadêmicos da UFES a obter a aprovação nos exames de proficiência nessa língua, incentivando sua participação em programas de mobilidade acadêmica tanto *IN* quanto *OUT*; 5) padronizar os exames de proficiência em língua estrangeira nos processos seletivos dos Programas de Pós-Graduação da UFES.

Resultados obtidos e esperados

Dentre as realizações da Coordenação de Línguas tem-se: 1) a parceira com o programa Idiomas sem Fronteiras contando com representantes na UFES para o inglês, espanhol, francês, italiano e português e com a aplicação de mais de onze mil provas TOEFL, mais de oito mil alunos no curso à distância de inglês do Programa Inglês sem Fronteiras – *My*

English Online, a oferta de 480 vagas para os cursos presenciais com mais de 3 mil alunos inscritos em 2014 e a realização de palestras nos *campi* de São Mateus e Alegre para divulgar as ações do Programa Idiomas sem Fronteiras; 2) oferta do curso de Português como Língua Estrangeira no Centro de Línguas da UFES, seguindo o modelo Celpe-Bras com quase 100 alunos estrangeiros matriculados em 2014; 3) 216 traduções com investimento total de mais de nove mil dólares, incluindo, além de artigos científicos, catálogos institucionais com informações sobre os cursos (graduação e pós-graduação) e vida acadêmica nas cidades-*campi* e legendas em inglês em vídeos institucionais da UFES, além da tradução (em andamento) dos currículos de curso de graduação e sinalização universitária dos principais prédios da UFES; 4) a criação de um projeto de extensão envolvendo alunos de graduação dos cursos de Letras como voluntários e bolsistas para apoiar a tradução de conteúdos institucionais; 5) a realização de eventos como a Semana da China e a Jornada de Línguas Estrangeiras (JELE), 6) a participação em eventos como o Fórum Brasil-Canadá de Idiomas, Educação e Mão de Obra e representação institucional em associações internacionais como NAFSA, EAIE, AULP e Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), entre outras; e 7) a recepção de delegações estrangeiras na UFES.

Com relação às ações realizadas em 2015, tem-se, além da continuação das ações já iniciadas anteriormente, as seguintes ações: 1) a realização de cursos e oficinas de línguas estrangeiras (inglês, mandarim e português como língua estrangeira) e de inglês instrumental e escrita acadêmica inclusive nos *campi* de São Mateus e Alegre; 2) a realização de oficinas de tradução e tópicos em inglês com o apoio de quatro assistentes de ensino

de língua inglesa da Fulbright (*English Teaching Assistants*); 3) a oferta de curso de capacitação de Acesso e Divulgação da Produção Científica, cujo público-alvo são os coordenadores e professores de programas de pós graduação na UFES com apoio da Biblioteca Central e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação; 4) a realização de eventos como o Dia da Cultura Internacional, realizado toda última quinta-feira de cada mês, sendo que, em cada mês, um país é homenageado; a Jornada de Línguas Estrangeiras (JELE) realizada em parceria com o Centro de Línguas e o US Day, em parceria com as assistentes da Fullbright; 5) Curso *Researcher Connect*, ofertado pelo Conselho Britânico por meio do Fundo Newton.

Em relação aos resultados esperados e tendo em vista os já alcançados e identificados em estudos anteriores (por exemplo AMORIM; FINARDI, artigo submetido; FINARDI; ORTIZ, 2015), conclui-se que a internacionalização da UFES é positivamente afetada pelas ações da Coordenação de Línguas no tocante ao desenvolvimento das línguas estrangeiras em geral, e do inglês em particular por meio das seguintes ações: 1) maior circulação/visibilidade da produção acadêmica da UFES por meio da publicação de trabalhos em inglês e da tradução de conteúdos institucionais para o inglês; 2) maior intercâmbio (de projetos de pesquisa, educação e extensão) com universidades estrangeiras por meio do apoio linguístico para as interações entre os pares; 3) maior mobilidade OUT por meio do desenvolvimento de proficiência em línguas estrangeiras em geral e do inglês em particular da comunidade da UFES; 4) maior mobilidade IN por meio da maior oferta de cursos de português como língua estrangeira e, finalmente, 5) maior inserção da UFES no cenário internacional por meio do apoio da Coordenação de Línguas aos acordos de cooperação internacional.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo refletir sobre o papel das línguas estrangeiras no processo de internacionalização do ensino superior. Para tanto, o artigo revisou estudos sobre o papel e o impacto da globalização e das línguas estrangeiras no processo de internacionalização e descreveu a criação de uma coordenação de línguas dentro da estrutura da Secretaria de Relações Internacionais de uma universidade federal do Sudeste. A análise das ações da coordenação criada, em contraste com a classificação de universidades reportadas em Jenkins (2013), sugerem que a universidade investigada se encaixa dentro da classificação de universidade internacionalmente consciente, ou seja, aquela que está mudando a sua organização e cultura para ter um perfil internacional. A criação da Coordenação de Línguas da UFES pode ajudar essa instituição a se tornar uma universidade engajada internacionalmente, impulsionando uma agenda de internacionalização em casa, que ainda segundo Jenkins (2013) normalmente inclui a avaliação curricular para oferecer programas de ensino globais, incentivando sua equipe a buscar parcerias de pesquisa e de ensino no exterior. Em síntese, o reconhecimento da UFES do papel das línguas estrangeiras no processo de internacionalização por meio da criação da Coordenação de Línguas é uma ação pioneira no cenário nacional e representa um importante passo para a internacionalização dessa instituição, podendo servir de modelo a outras universidades que buscam o mesmo objetivo.

Referências

AMORIM, G.; FINARDI, K. Globalização e Internacionalização do

Ensino Superior: Evidências de um Estudo de Caso nos Níveis Micro, Meso e Macro. Artigo submetido na *Revista Avaliação*, setembro de 2015.

BLOMMAERT, J. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge Approaches to Language Contact, p. 214, 2010.

BOURDIEU, P.; THOMPSON, J. *Language and Symbolic Power*. Cambridge, MA: Harvard UP, Print. 1991.

FINARDI, K. What Brazil can learn from Multilingual Switzerland and its use of English as a Multilingua Franca. Artigo submetido na *Revista Acta Scientiarum*, janeiro de 2016.

FINARDI, K. R.; ARCHANJO, R. Reflections of Internationalization of Education in Brazil. 2015 *International Business and Education Conference Proceedings*. Nova York: Clute Institute, v. 1, p. 504-510, 2015.

FINARDI, K.; FRANÇA, C. O inglês na internacionalização da produção científica brasileira. *Revista Intersecções*. No prelo.

FINARDI, K. R.; CSILLAGH, V. Globalization and linguistic diversity in Switzerland: insights from the roles of national languages and English as a foreign language. In: S. Grucza; M. Olpińska; P. Romanowski. (Org.). *Advances in Understanding Multilingualism*. 1. ed. Warsaw: Peter Lang GmbH, International Academic Publishers, Frankfurt am Main, v. 24, p. 41-56, 2016.

FINARDI, K.; PREBIANCA, G. Ensino Crítico de Inglês e Formação Docente na Contemporaneidade. *Revista Atos de Pesquisa em Educação*. No prelo.

FINARDI, K. R.; PREBIANCA, G.; MOMM, C. F. Tecnologia na Educação: o caso da Internet e do Inglês como Linguagens de Inclusão. *Revista Cadernos do IL*, v. 46, p. 193-208, 2013.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. Tecnologia e Metodologia no Ensino de Inglês: Impactos da Globalização e da Internacionalização. *Ilha do Desterro*, v. 66, p. 239-284, 2014.

FINARDI, K. R.; PREBIANCA, G. V. V. Políticas linguísticas,

internacionalização, novas tecnologias e formação docente: um estudo de caso sobre o curso de Letras Inglês em uma universidade federal. *Leitura* (UFAL), v. 1, p. 129-154, 2014.

FINARDI, K. R.; TYLER, J. The Role of English and Technology in the Internationalization of Education: Insights from the Analysis of Moocs. In: 7th International Conference on Education and New Learning Technologies, 2015, Barcelona. *Edulearn15 Proceedings...* Barcelona: IATED, v. 1, p. 11-18, 2015.

FINARDI, K.; ORTIZ, R. Globalization, Internationalization and Education: What is the Connection? *IJAEDU – International E-Journal of Advances in Education*, v. 1, p. 18-25, 2015.

GRADDOL, D. *English Next: Why global English may mean the end of “English as a foreign language”*. The English Company (UK) Ltd. British Council. p. 132, 2006. Disponível em <http://www.britishcouncil.org/learning-research-english-next.pdf>.

HAMEL, R. E. L’anglais, langue unique pour les sciences? Le rôle des modèles plurilingues dans la recherche, la communication scientifique et l’enseignement supérieur. *Synergies Europe*, n. 8, 2013.

JENKINS, J. *English as a lingua franca in the international university: The politics of academic English language policy*. Routledge, p. 243, 2013.

KNIGHT, J. The internationalization of higher education: Complexities and realities. In: TEFERRA, D.; KNIGHT, J. (Ed.). *Higher education in Africa: The international dimension*, p. 1- 43. Boston: Boston College Center for International Higher Education. 2008.

LEVY, C.; TREMBLAY, G.; GIRARD, P. Entre L’université et les Collectivités Locales: Comment S’effectue le Partage des Connaissances? *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 10, n. 1 e 2, p. 43-76, 2012.

MONTE MÓR, W.; MORGAN, B. Between Conformity and Critique. Developing ‘Activism’ and Active Citizenship: Dangerous Pedagogies? *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 14, n. 2, 2015.

ORTIZ, R. A.; FINARDI, K. R. Social Inclusion and CLIL: Evidence From La Roseraie. In: International Conference On Education, Research And Innovation 2015, Sevilha. *Iceri2015 Proceedings*. Madri: Iated. v. 1.

p. 7.660-7.666. 2015.

PINHEIRO, L. M. S.; FINARDI, K. R. Políticas Públicas de Internacionalização e o Papel do Inglês: Evidências dos Programas CsF e IsF. In: II Conel, 2014, Vitória. *Anais do II Conel*. Vitória: PPGEL. v. 1. p. 76-78, 2014.

PORCINO, M. C.; FINARDI, K. Globalization and Internationalization in ELT: Methodology, Technology and Language Policy at a Crossword in Brazil. In: *International Conference of Education, Research and Innovation*, 2014, Sevilha. ICERI2014 Proceedings. Madri: IATED. v. 1. p. 1-11. 2014.

SHIN, J. C.; TEICHLER, U. *The Future of The Post-Massified University at the Crossroads. Restructuring Systems and Functions*. Jung Cheol Shin and Ulrich Teichler (Ed.). Springer, 2014.

TILIO, R. Língua Estrangeira Moderna na Escola Pública: possibilidades e desafios. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 925-944, 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

VAVRUS, F.; PEKOL, A. Critical Internationalization: Moving from theory to Practice, FIRE: *Forum for International Research in Education*, v. 2, n. 2, 2015. Disponível em: <http://preserve.lehigh.edu/re/vol2/iss2/2>.

Notas

- ¹ Professora do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e coordenadora da divisão de línguas da Secretaria de Relações Internacionais da UFES, tendo sido a principal responsável pela elaboração deste artigo. kyria.finardi@gmail.com.
- ² Professora do Departamento de Engenharia Ambiental da Universidade Federal do Espírito Santo e secretária de relações internacionais (SRI) da UFES, tendo sido a principal responsável pela proposta de divisão da SRI da UFES, descrita neste artigo. jmerisantos@yahoo.com.br.
- ³ Tradutor-intérprete, servidor da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) da UFES, atuando na Coordenação de Línguas, tendo sido responsável pela revisão dos dados institucionais do artigo. felipe.guimaraes@ufes.br.
- ⁴ O inglês como língua franca (ILF) se refere ao uso mais frequente do inglês no mundo contemporâneo onde ele é usado como língua de contato entre duas pessoas cujas línguas nativas (incluindo o inglês) são diferentes.
- ⁵ O termo língua adicional é utilizado para referir a qualquer língua que não seja a materna, a fim de evitar termos como “segunda língua” ou “língua estrangeira” que

são propostos em relação ao contexto do ensino ou da aquisição da língua e que denotam um distanciamento e estranhamento (no caso de língua estrangeira), que podem ser falsos e pejorativos.

⁶ Há um forte movimento pela expansão da francofonia nessa universidade e a política de internacionalização é baseada no multilinguismo, sendo que cursos em outras línguas, que não o francês, são ofertados não apenas em inglês, mas também em alemão e italiano (sendo as duas últimas línguas nacionais na Suíça).

⁷ <http://www.veduca.com.br>.

⁸ <https://www.miriadax.net>.